

GAVIOES DA MONTANHA *

Iara Ferraz

Universidade de S.Paulo

"Ninguém vai brigar... só fazer a força,
porque esta terra é do índio Gavião! (...)
Ninguém vai matar ninguém, o que a gente
quer é resolver!" (Pajare, nov.83)

Em meia hora de viagem de barco a motor, partindo de Tucuruí a montante pelo rio Tocantins, avista-se de frente as obras da barragem da Usina Hidrelétrica que pretende dar suporte a todos os projetos minero-metalúrgicos concebidos para a porção oriental da Amazônia. Na margem direita do rio e imediatamente antes da barragem, três grandes torres de transmissão de alta tensão foram construídas pela ELETRONORTE num morro hoje todo cortado onde, até o começo de 1977, esteve localizada a aldeia da "turma da Montanha". É assim que são chamados e se autodenominam muitos dos componentes dos Gaviões Parkatêjê, reunidos atualmente em uma única aldeia - Mãe Maria - numa reserva situada a cerca de 40 km da cidade de Marabá, cortada por uma rodovia federal (BR 332), uma linha de transmissão de alta tensão (subsidiária de Tucuruí) e pela ferrovia de Carajás.

Desde 1967, a maior parte dos integrantes do grupo da Montanha foi sendo paulatinamente transferida para o P.I. Mãe Maria, estimulados no início pelos agentes tutelares locais e, mais tarde, pela pressão das empresas construtoras da barragem de Tucuruí. O fato de Pajare - um homem com cerca de 40 anos atualmen-

* Relatório de viagem realizada através da Comissão Pró-Índio (SP) à Tucuruí e Marabá (Mãe Maria), de 31/10 a 8/11/83, acompanhando o Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Fº.

te - ter permanecido na área da Montanha possibilitou o desencadeamento de todas as negociações com a ELETRONORTE (responsável pelo empreendimento), que ora se verificam.

O objetivo principal da viagem realizada consistiu em apresentar detalhadamente aos Gaviões - sobretudo à Pajare e às lideranças do grupo do P.I.Mãe Maria - a possibilidade efetiva de, com o devido acompanhamento jurídico, resolverem junto à ELETRONORTE questões relativas ao reconhecimento explícito da área indígena da Montanha, bem como da porção que será efetivamente utilizada com a construção da barragem de Tucuruí, no sentido de se estabelecer critérios para o pagamento de uma justa indenização aos Gaviões, tal como lhes assegura a legislação específica. Por ocasião da transferência da mãe de Pajare para o P.I.Mãe Maria, em 1977 (e com muita relutância em abandonar o seu território mediante um irrisório pagamento em tábuas e ferramentas efetuado pela FUNAI), Pajare, por sua vez, recebeu da ELN, sob coação e de forma individual, uma indenização pelas "benfeitorias" existentes então na área da Montanha (roças, pomar e as casas da aldeia que seriam destruídos com as obras da barragem). Os representantes da ELN negavam-se a considerar a especificidade legal do fato de ser aquela uma área indígena, atestado pela antiguidade de ocupação e pela documentação disponível e comprovado pelos depoimentos dos integrantes do grupo da Montanha.

Pajare, sua mulher, Dna. Raimunda, nascida em Tucuruí e três filhos pequenos (4, 7 e 8 anos) dos cinco que têm¹ estão morando

¹ Desde setembro último, foram para o Mãe Maria, morar com a mãe de Pajare - Ronõre - suas duas filhas mais velhas (14 e 11 anos), acompanhadas de um rapaz (com 18 anos), criado na Montanha.

atualmente num barracão coberto de plástico negro, sob o único mangueiral que restou de frente para o rio Tocantins, cercados por tratores e dragas que trabalham ininterruptamente na construção da barragem, retirando dali terra e areia.

Numa atitude firme, Pajare vem aguardando há cerca de seis anos uma solução satisfatória para a questão da terra da Montanha, apesar das insistentes ofertas feitas pelos representantes locais da ELN, de um lote na cidade de Tucuruí, "com casa, mobília, luz, água encanada, tudo" (sic, Pajare).

Em 1982, Pajare visitou Krohokrenhum, o chefe do grande grupo no Mãe Maria e seu primo Pÿrkrejimokre - "Cotia", como é conhecido - componente do grupo da Montanha que foi o primeiro a deixar aquela localidade para ir trabalhar numa frente de atração de outro grupo Gavião, em 1967.² Ficou decidido naquela visita - que reatou laços de solidariedade grupal - manter um grupo constituido de três ou quatro homens da aldeia de Mãe Maria que se revesariam e ficariam à disposição de Pajare na Montanha, a fim de garantir a sua sobrevivência física. Pajare sofre ameaças constantes dos posseiros que estão na área, que o impedem, sozinho, garantir condições mínimas de subsistência para a manutenção da ocupação da área até que a questão daquele território indígena seja definitivamente resolvida com a ELETRONORTE. Assim, os rapazes auxiliam Pajare a caçar (muito longe dali, pois a mata praticamente desapareceu da área), pescar, fazer farinha, construir casa, etc. além de acompanhá-lo sempre em todas as idas à

² Outro grupo ainda que, além do de Krohokrenhum (conhecido como do Cocal), foi contatado em 1968 próximo à Imperatriz (MA) e, no ano seguinte, transferido para o Mãe Maria. Tinham, até 1980, suas aldeias separadamente.

Tucuruí.

Os grupos de Krohokrenhum e da Montanha foram rivais por um longo período de tempo em sua história, guerreando entre si e fazendo mortes de ambos os lados. Krohokrenhum procura sempre neutralizar os antigos ressentimentos e o exercício de sua chefia inquestionável está pautado na generosidade manifesta pela ampla redistribuição de bens e, a seu ver, pela divisão do espaço de um território agora comum e muito reduzido, a gleba do Mãe Maria. O contexto de um enfrentamento maior em suas proporções em relação "àquele tempo em que a gente brigava" (as várias turmas, entre si), como menciona Krohokrenhum atualmente, ou seja, todas as transformações ocorridas na região dominada por eles até as duas primeiras décadas deste século dá a ênfase ao restabelecimento de uma aliança efetiva entre os dois grupos agora, face à questão com a ELETRONORTE.

"Cotia" é hoje um dos principais mediadores entre estes dois grupos envolvidos, uma vez que é integrante da "turma da Montanha" e, sobretudo, que tem posição de destaque junto à chefia na aldeia de Mãe Maria: é ele quem lida com o dinheiro da Comunidade Indígena Parkatêjê (como se autodenominam, em conjunto). Kruwa, um jovem com cerca de 25 anos e pretendente da filha mais velha de Krohokrenhum, saiu da Montanha em 1970 para trabalhar na abertura da rodovia Transamazônica e têm agora, no Mãe Maria, participação ativa na retomada das negociações com a ELN quanto à questão das terras da Montanha.

"Cotia" e Kruwa, além de Pajare, vêm obtendo informações junto ao setor de desapropriações da ELN que cerca de 60 a 70% da área da Montanha será ocupada com as obras da barragem. Outra

grande porção da área tem ocupantes recentes, posseiros em sua maioria que, espontaneamente ou estimulados por representantes de setores políticos locais e da própria ELN, se instalaram na gleba dos Gaviões da Montanha, praticamente desde o início das obras da barragem.

Duas ou três famílias destes posseiros que ali se fixaram têm a anuência de Pajare (com quem plantam pequenas roças para subsistência em regime de "meia") e afirmam concordar em se retirar da área, "assim que a questão com a ELN se resolva", segundo Pajare. No entanto, a maior parte dos posseiros encontra-se fixada exatamente nos fundos da gleba da Montanha, num povoado que vem sendo construído com a participação da ELN, o "Novo Breu", como é conhecido, pois o "Breu", na margem esquerda do Tocantins desaparecerá com a inundação do lago de Tucuruí. De acordo com Pajare e o piloto do barco que nos levou à área da Montanha, casas de madeira estão sendo construídas no interior da área indígena, além de escola, delegacia, etc.³ para abrigar parte da população local.³

Assim, torna-se cada vez mais difícil para Pajare controlar o ingresso de novos ocupantes na área sem sofrer ameaças, uma vez que os limites da área indígena da Montanha deixaram de ser respeitados na região desde meados da década de 70, exatamente início das obras da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Todos os moradores das redondezas tiveram, de alguma forma, suas pequenas propriedades atingidas pela construção da barragem, o que le-

³ A extensão exata da área da Montanha, a localização precisa do povoado do "Novo Breu" são algumas das questões que virão a ser devidamente esclarecidas quando se dispuser de mapas detalhados. Por enquanto, dispõe-se de um croquis, elaborado no campo pelo Dr. Marés, membro da CPI (SP).

vou ao seu deslocamento inclusive para o interior daquela área indígena, dado ainda o modo insatisfatório como parecem ter sido efetuadas as indenizações pela ELN, de um modo geral na região.

Pajare foi enfático ao declarar que é necessário "explicar a todos que aquela terra da Montanha é dos Gaviões" (sic), "que a gente não está mentindo nem inventando" como afirmam os representantes locais da ELN ao se manifestarem em relação a matérias recentemente publicadas pela imprensa, noticiando a situação atual dos Gaviões da Montanha.⁴ Pajare reafirmou ainda seu propósito de divulgar amplamente (e ele queria que o fosse através da rádio local, inclusive) que "brigar a gente não vai! é só fazer a força, porque a área pertence ao índio Gavião(...) Nós vamos começar a avisar o posseiro que é só pra colher a roça... que não é pra plantar mais aqui não... tudo de acordo. Ninguém vai brigar, ninguém vai matar: o que a gente quer é resolver".

Em muitas ocasiões, o acesso ao interior da área da Montanha vem sendo cerceado aos Gaviões pelos agentes de segurança da empresa construtora da barragem - Camargo Correa S.A - que transformou a área indígena em canteiro de obras. Pajare narrou o ocorrido quando, juntamente com parentes seus vindos da aldeia de Mãe Maria, fariam uma expedição de coleta na área, para obter principalmente tabocas para a confecção de flechas. Pensa-

⁴ "Os Gaviões insistem na indenização", O Estado de S.Paulo, 6/9/83; "Gaviões vão à Tucuruí por indenização", O Fluminense, Niterói, 6/9/83; "Gaviões vão lutar contra Elettronorte pela indenização", O Liberal, Belém, 6/9/83; "Índios em greve", O Popular, Goiânia, 8/9/83; "Índios em greve de fome pra ajudar velho cacique", Notícias populares, S.Paulo, 7/9/83; na seção Cidade e Serviços (O Estado de S.Paulo), "Os Gaviões insistem na indenização", 10/10/83.

vam em retirar todas as flecheiras antes que fossem destruídas com os desmates verificados junto ao igarapé denominado "Cagancho", um dos limites naturais da área da Montanha. No entanto, foram impedidos de chegar, sozinhos, até às flecheiras, sob a justificativa do perigo oferecido pelo grande número de máquinas trabalhando em diversos pontos no interior da área.⁵ Agentes de segurança da empresa construtora passaram a acompanhá-los desde então, cerceando as expedições do grupo dentro de seu próprio território.

Pajare preocupa-se agora com a possibilidade de extração de uma pequena produção de castanha - talvez a última safra da Montanha, uma vez que todas as castanheiras vêm sendo derrubadas na região - cuja comercialização poderia garantir a subsistência do grupo de Gaviões que lá se encontra, independentemente da ELN. Em muitas circunstâncias, o paradoxo mostra-se evidente a Pajare, pois inclusive para os seus deslocamentos à Tucuruí, depende dos barcos da construtora ou mesmo da ELN. O abastecimento de água potável vem sendo solicitado por ele à ELN, uma vez que as águas do Tocantins não se prestam mais ao consumo, devido à poluição ocasionada pelas obras da barragem. A cada ano, registram-se mais e mais casos de malária na região. "Antes dessa obra, ninguém tinha malária aqui", lembra Dna. Raimunda, mulher de Pajare, ao narrar que seus dois filhos mais novos permaneceram internados no hospital de Tucuruí, à beira da morte, devido à malária, no ano passado.

⁵ Com a saída da CAPEMI, cinco médias empresas realizam atualmente o trabalho de desmate na região a ser inundada com a formação da represa para que, em 1986, entre em operação a Usina Hidrelétrica, conforme as previsões recentes.

Uma vez esclarecido pelo Dr. Marés pessoalmente a Pajare que só o lento desenrolar da ação declaratória (e outras que se sucederão) virá a determinar o tempo de permanência de Pajare e do grupo naquela localidade, sugerimos também a possibilidade de se estender o apoio do projeto que vem sendo desenvolvido pela FUNAI, em convênio com a Cia. Vale do Rio Doce, na área de influência do Projeto Ferro-Carajás. A aquisição de um barco médio (2 a 3 toneladas) e de um motor de centro, bem como de sua manutenção, talvez fosse a forma mais adequada de propiciar ao grupo que se encontra ainda na Montanha condições de manutenção de sua subsistência e deslocamentos. No caso da indenização satisfatória aos Gaviões se dar através da ampliação da área do P.I. Mãe Maria, com a aquisição de uma propriedade contígua - esta é a possibilidade que lhes parece mais razoável para abrigar, convenientemente, todo o grupo - Pajare, ao se transferir com a família, levaria o barco e o motor para o Mãe Maria.

Mas enquanto permanece a questão com a ELN, Pajare e os rapazes do Mãe Maria que lá se encontram deverão reconstruir uma casa no local e, para isto, vêm solicitando à ELN o fornecimento de tábuas e telhas, uma vez que sua antiga casa foi destruída e a área é desprovida de babaçuais (de cujas palmas poderiam construir outra). Nesta época - início do período das chuvas e de coleta da safra de castanha - acabou sendo recentemente determinado por Krohokrenhum, chefe da aldeia de Mãe Maria, que todos os seus componentes permaneçam nessa área para dar início o quanto antes à coleta numa porção da área extremamente vulnerável a invasões e roubos significativos de castanha, ao longo da ferrovia de Carajás. Finda esta etapa, um grupo ainda maior de ho-

mens poderá se deslocar para Tukuruí, a fim de auxiliar Pajare. Tivemos a oportunidade de acompanhar o início do estabelecimento de um instrumento jurídico (uma procuração) junto ao tabelião da comarca de Marabá. O Dr. Marés elaborou a minuta da procuração que outorga a dois advogados⁶ poderes para lidar com a ELN na questão, em juízo. Os mesmos que assinaram um requerimento enviado à ELN em agosto p.p. são os representantes dos Gaviões, enquanto grupo. Além de "Cotia" e Kruwa, também Catarino (integrante do grupo da Montanha), Jökorenhum e Xontapti (respectivamente, o irmão mais moço e um sobrinho de Krohokrenhum) assinaram a procuração, completada a 14 de novembro último, com a assinatura de Pajare que só então pôde se deslocar à Marabá. Por ocasião de nossa viagem, alguns contratempos impediam a ida de Pajare; ele tinha negócios pendentes em Tukuruí e, exatamente nos dias em que lá estivemos, ele aguardava a chegada de "Cotia" para, juntos, resolverem com a ELN a questão do material de construção solicitado para a casa na Montanha, bem como de uma autorização especial para que o veículo da Comunidade Indígena Parkatêjê possa trafegar na Montanha sem os impedimentos dos agentes de segurança da empresa construtora. O acionamento jurídico da questão com a ELN deverá ocorrer assim que a procuração for efetivamente encaminhada aos advogados. Os Gaviões, agora cientes das possibilidades existentes a um outro nível de negociações, deverão tomar conhecimento de todos os passos que forem dados no sentido da resolução definitiva da questão da Montanha.

⁶ São eles o próprio Dr. Marés e o Dr. Paraguassú Éleres, de Belém que é aguardado na aldeia do Mãe Maria, onde seus componentes querem conhecê-lo pessoalmente.

RELAÇÃO DOS COMPONENTES DO GRUPO
DA MONTANHA E DATA EM QUE DEIXARAM
AQUELA LOCALIDADE (ENCONTRAM-SE, EM
SUA MAIORIA, NA ALDEIA DE MÃE MARIA)

1-	TUIRI	fem.	1960 (?)
2-	"COTIA"	masc.	1967
3-	KINARÉ	masc.	1968
4-	PËNXÔRE	masc.	1968 (foi para junto dos Tembé do rio Guamá e só retornou em 1980)
5-	KRUWA	masc.	1970
6-	PËMPKOTI	masc.	1971
7-	KAXÂTKRETI	masc.	1971
8-	MPOTOMAMTI	masc.	1971 (está no P.I. Bacajá)
9-	PËRKREKAPERE ("Toín")	masc.	1971
10-	PËRKREKAPARE ("Catarino")	masc.	1971
11-	LUIS	masc.	1976
12-	UBIRATÃ	masc.	1976 (pai Anurini Troca)
13-	RONÔRE ("Mamãe Grande")	fem.	1977
14-	MATIAS	masc.	1977 (filho de Ronôre)
15-	ZECA	masc.	1977 (filho de Ronôre)
16-	DEUSA	fem.	1977 (filha mais velha de Pajare, de seu pri- meiro casamento)

OBS.: Em 1976, foi para o Mãe Maria o pai de Matias e Zeca, conhecido como "Papai Grande" (seu nome era KOXUMTI) que veio a falecer, no mesmo ano, com bronco-pneumonia. A mãe de Ubiratã, PURKWYIRE, que também havia saído da Montanha em 1976, morreu no Mãe Maria no ano seguinte.